

A questão da liberdade no mundo dos quadrinhos da superaventura

Edmilson Marques*

O objetivo deste texto é analisar a questão da liberdade nas histórias em quadrinhos do gênero superaventura. A superaventura surge no capitalismo e desde a sua origem seus personagens expressam questões que estão intimamente ligadas com esta sociedade, e uma das questões que analisaremos aqui é o desejo de liberdade.

O desejo de liberdade é a expressão mais elementar do ser humano em todas as sociedades divididas em classes, sendo, portanto, a expressão consciente e inconsciente dos indivíduos na sociedade moderna. O desejo de liberdade só aparece como questão, a partir do momento em que o ser humano não a desfruta na realidade. Nesse sentido, desejar a liberdade tem como pressuposto a existência do seu contrário, ou seja, a inexistência da liberdade. O que ocorre é que nas sociedades de classes se estabelece relações sociais de dominação e exploração, cuja classe que domina impõe limites à vida das classes oprimidas e exploradas e o controle social é o meio que utiliza para manter sua dominação.

O controle gera relações perpassadas cada vez mais pelo conflito que vai se generalizando e atingindo todas as instâncias das relações sociais. Emerge daí uma forma de consciência dominada por valores axiológicos

¹, fundado na competição, na desconfiança, no individualismo, na inveja etc., que vai ser reproduzido pela maior parte da sociedade, consequência da sociabilidade capitalista. Pois,

A sociabilidade capitalista incentiva determinados sentimentos (ciúmes, inveja etc.) que expressam o tipo de ser humano que é constituído pela sociedade moderna. Ela também constitui determinados valores (ascensão social, riqueza, poder etc.) que se tornam elementos determinantes nas ações humanas e reforçam esta mesma sociabilidade (VIANA, 2008, p. 31).

A sociabilidade capitalista, no entanto, gera determinadas formas de consciência, que predominantemente é dominada pelos valores burgueses (axiológicos). Ao lado desta emerge o inconsciente coletivo, “o lócus das necessidades potencialidades humanas reprimidas” (VIANA, 2002, p. 49), que é onde se localizam os desejos coletivos reprimidos,

* Doutor em história, professor da Universidade Estadual de Goiás.

¹ Este conceito foi desenvolvido por Nildo Viana (2007) no livro *Os Valores na Sociedade Moderna*. Para o autor axiologia é “o padrão dominante de valores numa determinada sociedade”.

que não se realizam na realidade, consequência daquela repressão sofrida pelos indivíduos na sociedade.

É neste contexto que o universo psíquico do ser humano vai se desenvolvendo. Da sociabilidade capitalista emerge uma consciência pautada pelos valores axiológicos. Mas, ao mesmo tempo em que o indivíduo é constrangido a reproduzir estes valores, convive em contradição com os mesmos, quando não consegue realizá-los. Esta questão é intensificada no conjunto de indivíduos que integram as classes exploradas, pelo fato de que são destituídos das mesmas possibilidades materiais que os indivíduos das classes dominantes para realizar os interesses (a exemplo do consumo) que lhes são introjetados pela sociabilidade capitalista.

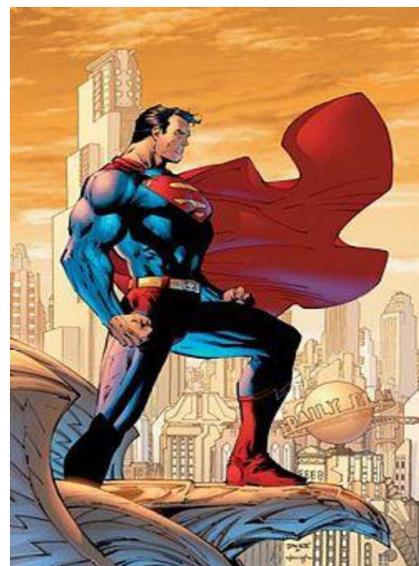
A não realização destes interesses gera frustrações e insatisfação, o que leva as classes exploradas a agirem espontaneamente, questionando a ordem existente e lutando pela transformação social, luta esta pautada pela solidariedade. Esta luta faz emergir valores autênticos, valores característicos destas classes (axionomia), que também estão submetidos aos valores dominantes mas que tendem a se ampliar com a radicalização da sua luta. É a partir desta contradição existente na sociedade moderna que buscaremos analisar as especificidades do produto do trabalho intelectual de um quadrinista, onde podemos observar expressões do inconsciente coletivo que expressa o desejo de liberdade.

A imaginação em conjunto com a habilidade de criar quadrinhos é o que possibilita o quadrinista a criar o universo de uma HQ. Mas, assim como qualquer outro indivíduo que vive no capitalismo, se relaciona com o controle e com as consequências das relações de exploração e opressão. Nesse sentido, a imaginação de um quadrinista é perpassada por contradições, que ora expressa valores axiológicos e ora os desejos reprimidos em seu inconsciente, que ao mesmo tempo converge com elementos comuns do inconsciente coletivo.

Nesse sentido, para entender as histórias em quadrinhos é fundamental compreender o contexto histórico de surgimento de uma HQ, pois para esta última o quadrinista transportará muitos dos elementos de seu cotidiano. A superaventura surge no final da década de 1930, contexto em que o capitalismo está em crise. Os Estados Unidos emergem como o principal representante do capitalismo mundial, é quando as produções

culturais são amplamente utilizadas para, de um lado divulgar a ideologia da representação², quando os EUA se coloca como o principal salvador do mundo, e de outro como fonte de lucro e expansão do capitalismo através de sua mercantilização.

Surge daí o Super-Homem (1938), o primeiro “dos super-heróis, criado por Jerry Siegel e Joe Shuster” (IANNONE, 1994, p. 45), que traz em seu uniforme, assim como em sua expressão física, a ideologia³ norte-americana de serem os líderes do mundo, o ser forte, alto, dotado de superpoderes, cujo objetivo principal é salvar a humanidade do mal para estabelecer a paz. O Super-Homem cumpre o papel de ser o representante norte-americano no campo da ficção, e assim, busca constranger os leitores a aceitarem a dominação norte-americana.



Uma figura de roupa colante no corpo, botas, capa voadora e que, no momento de perigo, usava superpoderes para salvar alguém. O Super-Homem estava em ação! [...] quando os Estados-Unidos entraram na guerra com soldados e armas, os quadrinhos já estavam lutando e falando pelos balõezinhos, divulgando suas mensagens de propaganda ideológica (BIBE-LUYTEN, 1987, p. 33).

Iannone observou que os comics foram amplamente utilizados como instrumento de propaganda.

Nas histórias da época, vamos encontrar Jim das Selvas lutando contra os japoneses, Dick Tracy contra os espões e assim por diante. Nenhum personagem famoso escapou. Em 1942, Tarzan extermina um comando nazista que pretendia instalar uma base de submarinos na África, enquanto o Super-Homem destrói uma frota de submarinos inimigos no Atlântico (BIBE-LUYTEN, 1987, p. 46).

A utilização dos quadrinhos como estratégia política levou vários países a criarem leis para proibirem a sua distribuição, a exemplo do que ocorreu na França na década de

² A ideologia da representação emerge com a democracia burguesa e se fundamenta na ideia de representação. É parte integrante de organizações burocráticas (partidos, sindicatos etc.) cuja relação em seu interior é pautada entre dirigentes e dirigidos.

³ Estamos utilizando o conceito de ideologia aqui, no sentido desenvolvido por Marx e Engels (2007) em A Ideologia Alemã, ou seja, ideologia como “falsa consciência sistematizada”.

1940 com a lei de 16 de julho de 1949, que regulamentava as publicações destinadas à juventude. O estado recebe o apoio de alguns intelectuais para desqualificar e desconsiderar a leituras de algumas HQs, como fizeram com Hergé, ao criticar os álbuns de Tintin divulgados no país. Vejamos o teor de uma das críticas que recebeu:

Com inteligência, o autor dos álbuns de Tintin explora, estimula a preguiça intelectual do leitor, seu gosto pela aventura burlesca saboreada à vontade, pela “chalaça” que prende, pelo disparate tão claramente exposto, apresentados como admiráveis [...] o mundo de Tintin não tem grandeza, não tem ideal, não tem beleza [...] a nossa primeira impressão, ao folhear o jornal Tintin, é sua vulgaridade e feiúra (*Apud QUELLA-GUYOT, 1990, p. 21-22*).

Durante a Segunda Guerra Mundial, o Super-Homem (além de Tocha Humana Original, Capitão América, Namor etc.) também foi utilizado pelos Estados Unidos como estratégia política, quando Roosevelt solicita aos quadrinistas ingressá-lo na guerra contra os nazistas, “provocando a célebre frase de Goebels, ministro da propaganda de Hitler: O Super-Homem é um judeu!” (MOYA, 1977, p. 63). Esta questão exemplifica que a produção de histórias em quadrinhos é utilizada e controlada pelo estado para servir aos seus interesses, exemplo também de que a criação e a imaginação dos quadrinistas são controladas.

Mas, enfim, ao lado do controle caminha a sombra da liberdade, que de forma implícita se expressa nas diversas instâncias da sociedade. A repressão causa mais repressão e ao mesmo tempo a reação pela libertação. Isso explica as constantes manifestações e movimentos espontâneos que estão estourando por todas as partes do globo terrestre. E a razão de ser das lutas espontâneas está no fato de que “a liberdade e a espontaneidade são as metas objetivas a serem atingidas por todo ser humano” (FROMM, 1960, p. 196). Manifestações que, embora sejam ainda limitadas, por não abolirem as relações de produção capitalista, apontam para a emancipação humana, para uma transformação radical do modo de produção capitalista.

Ao analisar a totalidade do capitalismo, percebe-se que a liberdade que é propagada é algo existente apenas no discurso, nas ideias, enfim, uma ideologia. Vive-se uma ilusória liberdade estabelecida pelas leis, ou seja, uma não liberdade, inexistente na realidade. As leis por si só expressam esta contradição da não existência da liberdade, já que pressupõe o controle, limites e o desejo da classe dominante de manter a ordem existente.

Nesse sentido, enquanto existir a sociedade de classes, a liberdade será algo desejado pela humanidade. A emancipação humana, que só pode ser concebida com a abolição do controle, da opressão, da exploração e de tudo que causa o descontentamento social continuará sendo o desejo daqueles que compõem, fundamentalmente, as classes exploradas. E sendo os quadrinistas indivíduos como qualquer outro, que integram a sociedade, não estariam isentos de conviverem com questões existentes no interior das relações sociais, assimilando, portanto, a sociabilidade capitalista e a expressando em suas produções.

Ao criar uma história em quadrinhos, os quadrinistas expressam conscientemente questões que são partes da sociedade, a exemplo do cenário e das mensagens que compõe grande parte destas histórias cuja vida da maioria dos personagens é perpassada pelo capitalismo – como pode ser notado através do trabalho alienado existente nas histórias, além do comércio, dinheiro, tecnologia, armas químicas, competição etc. – ou por relações de dominação, pela luta de classes. Mas, ao mesmo tempo o quadrinista também expressa inconscientemente desejos reprimidos em seu inconsciente, e é esta questão o que há de mais rico e presente nas histórias em quadrinhos da superaventura.

O desejo de liberdade é o que move a humanidade pela busca de sua efetivação. Uma vez que as pessoas convivem com a repressão e controle, passam a buscar no campo da ficção uma forma de realização de seu desejo de liberdade, é onde encontram produções culturais que servem como uma “válvula de escape” e realização no campo da ficção do desejo de liberdade que não é vivido na realidade. E é nesse sentido que a superaventura mantém uma relação íntima com o desejo de liberdade.

Mas, quais as características da superaventura que podem expressar a relação deste gênero com o desejo de liberdade? A superaventura está permeada de características que apontam para o desejo de liberdade, entre elas estão o ato de voar, os superpoderes, a questão de fazer justiça com as próprias mãos, a expressão de solidariedade e ainda, a expressão de descontentamento com as contradições sociais.

O poder de voar é uma característica específica dos super-heróis. Através do voo um super-herói consegue se deslocar livremente de um lugar a outro, e em alguns casos, de um planeta a outro, sem barreiras para lhe impedir a locomoção. O voar é uma expressão do desejo de liberdade. A prisão causada pelo processo de burocratização e mercantilização das relações sociais no capitalismo, na qual os indivíduos são constrangidos a viver diariamente,

fortalece o desejo de liberdade, o desejo de se deslocar livremente para qualquer lugar. Nesse sentido, o poder de voar dos super-heróis expressa essa sensação de ser livre, ou seja, de ter domínio sobre si mesmo através do voo como símbolo de tal autodeterminação. Como coloca Viana (2005, p. 41),

O processo de burocratização e mercantilização das relações sociais no capitalismo cria a necessidade, através da fantasia, de superar a prisão que se tornou a vida social e conquistar uma liberdade imaginária para compensar a falta de liberdade real.

A questão é que o trabalho alienado é causador de insatisfações. Ao lado desta está o desejo que aponta para a necessidade e de abolição do regime de trabalho estabelecido no capitalismo. Desta mesma forma sobrevive o quadrinista, que não vendo uma forma de se libertar, na prática, do trabalho alienado (é preciso considerar ainda que muitos quadrinistas produzem suas histórias sob o controle do capital oligopolista de comunicação), busca por esta liberdade no mundo da ficção. Ao expressar este desejo em um personagem dos quadrinhos, nada mais está fazendo do que “realizando” de forma ilusória, o seu desejo de liberdade. Mas esta libertação é ilusória, ou seja, ficcional, e não real, o que quer dizer que o quadrinista continuará convivendo sob controle, submetido aos interesses dos apropriadores e controladores de seu trabalho, portanto, constantemente estará desejando a liberdade. Nas história que produzem manifestam este desejo através dos personagens que criam.

Assim, os super-heróis (Super-Homem, Batman, Homem-Aranha, Hulk, Thor, Namor, Ciclope, Spawn, Goku) são expressões do desejo inconsciente de liberdade, pois a liberdade foi recalcada no mundo mercantil e burocrático. A atração pela super-aventura por parte do público revela o mesmo desejo de liberdade, o que significa que tanto os produtores quanto os leitores da super-aventura manifestam o desejo inconsciente de liberdade (VIANA, 2002, p. 68).

A liberdade fictícia acaba atraindo leitores, que convivem com a mesma questão em seu cotidiano. Nota-se, portanto, que o consumo das histórias em quadrinhos não é algo que ocorre por acaso, e a razão de ser deste consumo está na busca por uma leitura prazerosa que possa lhe possibilitar, por alguns instantes, uma fuga do mundo da opressão e do controle, a busca por uma realização (pelo menos no campo da ficção) de seus desejos reprimidos. Os quadrinistas encontram com o reino da liberdade no mundo dos quadrinhos,

onde consegue amortizar temporariamente o seu desejo de se libertar do mundo onde a opressão perpassa por todas as instâncias da sociedade.

Os superpoderes também expressam o desejo de liberdade. A questão é que as pessoas são constrangidas no capitalismo a delegar a outros o poder de decisão sobre a sua vida. É o que ocorre, por exemplo, com a ideologia da representação divulgada pelo estado. A ideia de representação torna o indivíduo apático e impotente diante das questões sociais. Como a vida no capitalismo perpassa por organizações burocráticas, isso quer dizer que a maioria das pessoas é diariamente constrangida a recorrer a outros (burocracia e patrões) para lhe pedir permissão para resolver determinados problemas, ou seja, sua ação e atuação dentro e fora dos locais de trabalho são limitados.

Essa relação estabelecida entre as pessoas no capitalismo, no entanto, gera o desejo de tomar o controle de sua vida em suas próprias mãos. Ao mesmo tempo em que as pessoas convivem com a submissão, buscam em outros lugares se tornarem os controladores de seu próprio destino. Nos locais de trabalho, por exemplo, determinados indivíduos são subordinados aos interesses de outros, são controlados e ainda são expropriados de seu trabalho pelos capitalistas. Ou seja, não controlam sua vida nestes locais. Já fora dos locais de trabalho o estado atua no controle social. No entanto, semelhante ao ato de voar é que os superpoderes, existentes nos quadrinhos, expressam o desejo do ser humano de se libertar do controle e da opressão que sofre cotidianamente. É o desejo de ter em suas próprias mãos o poder suficiente para destruir tudo aquilo que lhe controla e oprime; é o desejo de fazer justiça com as próprias mãos; é o desejo de assumir a posição de um ser superpoderoso, indestrutível, assim como é nos quadrinhos, que lhe permita realizar e efetivar todos os seus desejos reprimidos e fazer desaparecer as relações sociais que lhe provocam o sentimento de impotente e submisso.

Outra característica dos super-heróis que expressa o desejo de liberdade perpassa pelo espírito de coletividade. O super-herói é aquele que luta pelo bem da humanidade, que expressa solidariedade. Apesar do individualismo em torno de suas ações, expressa valores autênticos em momentos que algum indivíduo, grupos de pessoas ou a própria humanidade está em perigo. E é pensando na proteção e bem estar das pessoas, de forma espontânea e voluntária, que foge do cotidiano em que convive para atuar como super-herói.

É no ato solidário que os indivíduos encontram no outro, no coletivo, a sua força. E apesar da solidão em que são levados a conviver no capitalismo, persiste a necessidade

básica de se viver coletivamente e para o coletivo, em que pode levar os indivíduos a romperem com as práticas individualistas e estabelecerem relações autênticas, como já dizia Marx, o ser humano é um ser social, e só pode existir se relacionando com outros.

A ordem estabelecida no capitalismo faz com que as pessoas se distanciem umas das outras⁴, e muitos passam a conviver com a solidão. A solidão por sua vez causa problemas de saúde (psíquicos, por exemplo) o que explica a quantidade de instituições especializadas em tratamento psíquico. Apesar do seu trabalho e das infinidades de drogas que receitam, o problema continua existindo. O que fazem serve apenas para ocultar o problema, ou gerar mais confusões na consciência das pessoas sobre onde está realmente o problema. É em decorrência disso que muitos procuram igrejas, grupos de recuperação, etc. Ou seja, buscam se integrar a outras pessoas e fugir das relações sociais rotineiras, momento em que muitos até interrompem seu contato com o trabalho alienado para estabelecer “novas” relações, alterando seus hábitos cotidianos pautados muitas vezes por relações sociais de opressão⁵.

A ação dos super-heróis contra o mal, por um lado, pode ser notada como expressão inconsciente da solidariedade. Mesmo atuando individualmente, o caso da maioria dos super-heróis, colocam como questão fundamental em sua luta garantir a manutenção da vida do outro, e para isso, acabam colocando em risco a sua própria vida. Essa é uma expressão inconsciente de solidariedade do quadrinista, que aparece de forma explícita na ação dos super-heróis e que na história do capitalismo sempre esteve presente nos valores da classe operária. Na sua luta a solidariedade emerge com clareza na ação coletiva da própria classe.

A luta do proletariado é uma luta pela transformação radical da sociedade, cujas conquistas, embora limitadas, se deram através de uma luta solidária entre os próprios trabalhadores, que unidos lutaram por uma mesma causa, a emancipação humana. Apesar desta não ter se efetivado, os frutos de sua luta (melhores salários, jornadas de trabalho mais

⁴ O distanciamento se dá através dos sentimentos de desconfiança, inveja e da competição, consequência dos valores axiológicos. Nesse sentido, mesmo estando no meio de milhares de pessoas, a pessoa se sente só, uma vez que não encontra no outro a realização afetiva do companheirismo, da confiança, enfim, de valores autênticos.

⁵ A solidão é uma, entre as diversas questões existentes no capitalismo que causam problemas psíquicos aos indivíduos, e é preciso evidenciar que mesmo que haja melhoras na saúde de um indivíduo que busque por tratamentos terapêuticos, o problema não deixa de existir, uma vez que o problema não está no indivíduo, e sim, nas relações sociais estabelecidas nesta sociedade, as quais não possibilitam que realize suas necessidades básicas, pelo fato de que no capitalismo as relações sociais são pautadas pelo controle, pela opressão e exploração de uma classe sobre outras. A “cura” do problema, no entanto, torna-se possível, com o fim das relações sociais que impõem limites à vida individual e coletiva. Para uma aprofundamento desta discussão ver FROMM (1960),

curtas etc.) puderam ser desfrutados por outros indivíduos posteriores. Atualmente a sua luta continua, mesmo que seja limitada e controlada pela burguesia e pela burocracia. Uma nova sociedade pautada pela autogestão social é algo que perpassa por seus valores e interesses de classe. E nesse sentido, a solidariedade é algo intrínseco de sua luta, cuja luta pessoal, perpassa pela luta coletiva em busca da instituição de uma sociedade permeada pela coletividade em substituição à sociedade individualista que tem no capitalismo sua expressão mais desenvolvida.

Em síntese, o desejo de liberdade pode ser notado no mundo dos super-heróis através de sua luta incessante contra o mal. Os super-heróis sempre lutaram contra o mal. O mal é representado na ficção pelos super-vilões e criminosos. Está ideia do mal possui raízes concretas e deve ser compreendido através das relações sociais existentes na realidade entre os seres humanos. A luta dos super-heróis contra os super-vilões é a expressão da luta de classes estabelecida no capitalismo, portanto, a razão de ser da superaventura.

O mal existente nos quadrinhos é a expressão de valores burgueses que busca ocultar a luta de classes na realidade. Pautar a relação entre bem e mal nada mais faz do que converter a luta de classe na realidade no maniqueísmo expresso entre o bem e o mal, como é notável no mundo dos super-heróis. As relações de exploração estabelecidas nos locais de trabalho, a produção e apropriação do mais-valor, é o epicentro das diversas questões que provocam o descontentamento e insatisfação social, é a causa da devastação de todas as riquezas naturais existentes, que em seu lugar, a cada dia vem colocando uma expressão de morte, apontando cada vez mais para um desastre ambiental global. Isso pode ser percebido na ação dos super-vilões, que utilizam de armas cada vez mais poderosas para causar destruições.

O desejo de liberdade expresso na ação dos super-heróis e no mundo da superaventura, portanto, possuem raízes na realidade. Nesse sentido, analisar e perceber o desejo de liberdade nas histórias em quadrinhos se torna fundamental para compreender a razão de ser da ação dos personagens e o objetivo de sua luta. Não é uma luta que se restringe apenas ao mundo ficcional. Esta é uma luta que é travada primeiramente na vida cotidiana, sendo a luta de classes a sua determinação fundamental, que na ação dos super-heróis aparece como o desejo (embora ficcional) da efetivação da liberdade. Enfim, o mundo da superaventura expressa a relação entre os super-heróis e o desejo de liberdade, e aponta para a possibilidade espontânea e concreta da busca coletiva de sua realização.

Referências bibliográficas

BIBE-LUYTEN, Sonia M. *O Que é História em Quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FROMM, Erich. *Análise do Homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1960.

IANNONE, Leila Rentroia & IANNONE, Roberto Antonio. *O Mundo das Histórias em Quadrinhos*. São Paulo: Moderna, 1994.

MARX & ENGELS. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MOYA, Álvaro de. *Shazam!*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

QUELLA-GUYOT, Didier. *A História em Quadrinhos*. São Paulo: Loyola, 1994.

VIANA, Nildo. *Heróis e Super-Heróis no Mundo dos Quadrinhos*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005.

_____. *Inconsciente Coletivo e Materialismo Histórico*. Goiânia: Germinal, 2002.

_____. *Os Valores na Sociedade Moderna*. Brasília: Thesaurus, 2007.

_____. *Universo Psíquico e Reprodução do Capital: ensaios freudo-marxistas*. São Paulo: Escuta, 2008.